

Correspondência na Guerra Colonial: Aerogramas entre Portugal e Angola (1967-1973)

Joana Catarina Ramos Castro

joannacatarinna@hotmail.com

Resumo

A eclosão do conflito colonial em janeiro de 1961 viria a trazer como consequência 13 anos de Guerra Colonial, que não só desgastou o regime (para alguns foi o principal motivo do seu colapso) como penalizou duramente a sociedade portuguesa, que enviou muitos dos seus jovens para as diversas frentes de guerra no Ultramar.

Este estudo visa analisar dois conjuntos de aerogramas, um proveniente de um espólio privado do Porto, constituído por mais de três centenas de aerogramas cujos emissores são, na totalidade, familiares e madrinhas de guerra do soldado, e outro depositado no Centro de Documentação 25 de Abril, em Coimbra, havendo dez emissores nestes 87 aerogramas, sobretudo soldados, que inclusivamente usavam este meio para comunicarem entre si; saliente-se que os dois acervos são relativos a soldados em combate em Angola, embora em diferentes locais, entre 1967 e 1973. Pretende-se identificar os respetivos emissores e recetores, perceber a periodicidade da troca das suas correspondências (pese embora se acredite que muitos aerogramas se tenham extraviado e estas séries não estejam completas) e, sobretudo, analisar os seus conteúdos, numa exploração das temáticas tratadas, das representações aí consubstanciadas, das referências à guerra, ao regime e ao inimigo, bem como do discurso utilizado. Paralelamente à análise dos assuntos tratados nos aerogramas, naturalmente diverso consoante a natureza do emissor, ter-se-á igualmente em conta o discurso utilizado, também ele intrinsecamente dependente de quem o produz – soldados, seus familiares, amigos ou madrinhas de guerra.

Em suma, através desta amostra analisada pretendeu-se estudar os aerogramas militares e os discursos aí presentes, principalmente no que diz respeito às representações de guerra. Note-se ainda que poucos estudos existem no que concerne ao estudo deste tipo de fonte, uma vez que a maioria se encontra em espólios privados.

Palavras-chave: Guerra Colonial, Angola, Aerogramas, correspondência de guerra, Serviço Postal Militar.

Abstrat

The outbreak of colonial conflict in January 1961 is a 13-year challenge to the Colonial War. The war brought the consequences of the salutary regime as an attempt to make a Portuguese society hard, which took many of its young people to be fronts of war in the overseas.

At the end of April 1961 the country attended the creation of the service of distribution of aerograms of the National Women's Movement, which served to distribute and print the aerograms.

The study aims at two sets of aerograms, is an indicator of a private space in Porto, consisting of three groups of radiant aerosols, is formed by all communities of soldier's war and another deposited at the 25 de Abril Documentation Center in Coimbra, emitters emitting 87 aerograms, mainly soldiers, that even used this means to communicate among themselves; It is intended to identify the respective emitters and receivers, to perceive a periodicity of the exchange of their correspondences (although it is believed that many and the fact that they are not the same as the ones used in the past, and that they are not the same as the ones used in the past. In parallel, in memory of mattersies applied in aerograms, naturally diverse introsecealy dependent anes of the edit, have their own distressed, there are intrinsecially dependent their users the produce, their friends, their friends or bridesmaids.

In short, through the analysis analyzed, the risks are high and the discourses present them, especially with respect to the representations of war. It should also be noted that some studies exist regarding the study of this source, since the destination is deposited in private spaces.

Keywords: Colonial War, Angola, Airgrams, war correspondence, Military Postal Service.

Introdução

No âmbito das temáticas que compõem a história contemporânea decidiu-se estudar um tópico da Guerra Colonial Portuguesa, mais especificamente a troca de aerogramas entre Portugal e Angola; a escolha deste tema justifica-se pelo interesse pessoal sobre o assunto, mas também pela perceção da importância do estudo deste tipo de fontes epistolares, os aerogramas, que se distinguem pela sua natureza e riqueza de conteúdo.

Para conhecer o tema em análise foi fundamental o recurso a estudos já existentes, nomeadamente bibliografia sobre a Guerra Colonial e mais especificamente sobre a circulação dos aerogramas, produzida por autores especialistas matéria, que, na sua maioria, escreveram diversas obras sobre ela. Assim, demarcam-se quatro estudos importantes, que serviram como base teórica a esta investigação.

Desde logo, a obra *Os anos da Guerra Colonial*¹, de Aniceto Afonso e de Carlos de Matos Gomes, fundamental para a contextualização e compreensão do conflito, particularmente no período em preção.

Por sua vez, a *História do Serviço Postal Militar*², de Luís Barreiros e Eduardo Barreiros, permitiu compreender de que forma transitavam os aerogramas, a

¹AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos de Matos – *Os anos da guerra colonial: 1961-1975*. Matosinhos: Quidnovi, 2010.

estruturação deste tipo de correspondência, bem como o funcionamento do Serviço Postal Militar e função de assistência postal àqueles que se encontravam na guerra.

A obra *A História Postal do S.P.M, 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*³, de Alberto Oliveira Pinto, forneceu informações pertinentes sobre a quantidade de aerogramas trocadas, periodicidade dessas trocas e estrutura deste tipo de correspondência, esclarecendo sobre a importância do MFN na troca desta correspondência.

Igualmente fundamental foi a monografia *Adeus até ao teu regresso: O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*⁴, da autoria de Sílvia Espírito Santo, que detalhadamente explica a criação e organização do Movimento Nacional Feminino, não negligenciando a articulação entre os ideais do regime e o serviço de aerogramas.

Pretende-se identificar os emissores e recetores dos espólios estudados e a frequência da troca de aerogramas. E finalmente, importa analisar as temáticas e representações que estes aerogramas veiculavam, bem como o tipo de discurso utilizado.

Já o segundo espólio está à guarda do Centro de Documentação 25 de Abril, de Coimbra, e tem disponível para consulta 87 aerogramas trocados entre militares destacados em Angola, e entre alguns destes e suas famílias, residentes na metrópole. Segundo indicações do Centro de Documentação 25 de Abril, os dados não podem ser revelados na íntegra uma vez que pessoas envolvidas ainda se encontram vivas. Aliás, na análise de ambos os espólios serão omitidos todos os nomes, para observar esta exigência de privacidade. Para finalizar esta breve descrição das fontes escritas, impõe-se mencionar que a leitura destes textos permitiu perceber que havia aerogramas em falta, situação recorrente em vários tipos de acervos mas particularmente frequente nos epistolares.

Quanto à fonte oral⁵, foi recolhido o testemunho de José Carneiro, militar condutor em Angola no período em análise, que nos revela pormenores da guerra na

²BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Postal Militar/History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*. Lisboa: Edição de Autor, 2004.

³PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P. M, 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003.

⁴SANTO, Sílvia Espírito – *Adeus até ao teu regresso: O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

⁵Entrevista a José Carneiro (militar-condutor em Angola, entre 1961-1964), realizada em 30.03.2018.

primeira pessoa, designadamente algumas informações que maximizam a articulação dos resultados da pesquisa.

No que concerne às opções metodológicas, para melhor tratamento dos dados recolhidos construiu-se uma base de dados, em *Microsoft Excel*, onde se registaram os dados empíricos. Embora a análise seja predominantemente qualitativa, engloba também a abordagem qualitativa, nomeadamente no tocante à frequência da troca de aerogramas.

1. A Guerra Colonial e o serviço dos aerogramas – breve contextualização

A Guerra Colonial decorreu no período compreendido entre 1961 e 1974, nos territórios de Angola, Moçambique e Guiné, onde estiveram em confronto as forças armadas portuguesas contra os movimentos de libertação dessas colónias. O número de efetivos militares rondou os 50 mil em 1961, chegando aos 149 mil no final da guerra. Especificamente em Angola, o número variou de cerca de 34 mil militares no início do conflito até 65 mil efetivos em 1974.

As primeiras rebeliões iniciam-se em Março na zona norte de Angola, nomeadamente nas regiões do Zaire, Uíje e Cuanza Norte. Neste território, os primeiros movimentos de luta pela independência foram a União das Populações de Angola (UPA), principalmente de carácter tribal, e o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), juntando-se, a partir de 1966, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA)⁶. Face à onda de guerra, assiste-se ao envio dos primeiros contingentes militares para o norte de Angola, a 21 de abril de 1961, que chegam a este território a 1 maio de 1961, a bordo do navio *Niassa*. Ainda nesse mês, aportam mais reforços militares transportados no *Vera Cruz* que vão ocupar as zonas de Maquela do Zombo e Santa Cruz, junto à zona norte da fronteira.⁷

Porém, era necessária a manutenção do bem-estar dos vários militares que se encontravam no Ultramar, proporcionando-lhes contacto frequente com as suas famílias, e este estabelecia-se através da troca de aerogramas.

⁶BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Postal Militar/History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*. Lisboa: Edição de Autor, 2004, p. 18 e 19.

⁷BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Postal Militar/History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*. Lisboa: Edição de Autor, 2004, p. 19.

O serviço de distribuição dos aerogramas foi criado pelo Movimento Nacional Feminino (MNF), a 28 de abril de 1961, por mulheres da alta burguesia, representadas pela figura de Cecília Supico Pinto. Teve um papel fundamental no apoio moral e social aos soldados e suas famílias. O Movimento Nacional Feminino imprimia e distribuía e os aerogramas que serviam como meio de comunicação entre aqueles que se encontravam no Ultramar e aqueles que permaneciam na Metrópole⁸.

A correspondência dividia-se em vários tipos, destacando-se os aerogramas⁹ considerados por muitos como uma subcategoria deste meio de comunicação e transitavam por via aérea, nos Transportes Aéreos Portugueses (TAP), usufruindo de isenção de franquia militar¹⁰.

Os soldados esperavam ansiosamente pela chegada e partida semanal do correio do Serviço Postal Militar, que era o responsável pelo transporte de aerogramas e notícias entre os combatentes e as suas famílias. Alguns dos soldados chegavam a enviar anúncios para revistas da metrópole a pedir madrinhas de guerra, outros com menor instrução pediam auxílio daqueles que a quem lhes estavam mais próximos para os ajudar a ler e escrever os aerogramas¹¹.

Este conflito foi também pautado pela falta de comunicação que desencadeava nos soldados várias dificuldades.

Este movimento regia-se pelos ideais vinculados ao regime salazarista, onde estava patente a ideia do esforço de guerra para o bem da pátria, e a da “vocação natural”¹² das mulheres imposta pelas organizações do Estado, como o caso da Mocidade Portuguesa. As mulheres que integravam este movimento eram originárias quer da comissão central, quer das comissões provinciais, ou distritais, onde desempenhavam funções de solidariedade para com aqueles que estavam no campo de batalha, e com aqueles que ficavam na metrópole, como era o caso dos Serviços Sociais das Forças Armadas¹³.

⁸PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P. M, 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003, p. 50.

⁹ Também conhecidos como bate-estradas, in PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P. M, 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003, p. 50.

¹⁰PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P. M, 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003, p. 50.

¹¹TEIXEIRA, Nuno Severiano – O correio. IN BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano – *Nova História Militar de Portugal* Lisboa: Círculo de Leitores, 2004, vol. 5, p. 154-155.

¹² SANTOS, Sílvia Espírito – *Adeus até ao teu regresso: O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, p. 20.

¹³ SANTOS, Sílvia Espírito – *Adeus até ao teu regresso: O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, p. 28.

Quanto às madrinhas de guerra, foi uma das iniciativas de maior sucesso e destinava-se a apoiar aquelas que se encontravam na guerra, através da correspondência. De acordo com as normas do MNF, a troca de correspondência das madrinhas deveria ser regular, obrigatória, inculcando no afilhado o sentimento de glória pelo país, devendo ainda estabelecer contacto com a família dele, zelando pelo bem-estar desta¹⁴. Havia ainda um perfil para estas mulheres, elas deveriam ser portuguesas, maiores de 20 anos e, moralmente deveriam identificar-se com os ideais defendidos pelo regime, nomeadamente, o patriotismo e o espírito de coragem e sacrifício. Note-se que existiam inúmeros pedidos para madrinhas de guerra, todavia, o processo de distribuição levado a cabo pelo Movimento Nacional Feminino era lento, o que levava a que muitas madrinhas acabassem por aceitar cerca de três ou quatro afilhados.

O Serviço Postal Militar, a partir de 1971, passa a controlar directamente o transporte e distribuição dos aerogramas, funções que até aí pertenciam aos comandos militares e ao Movimento Nacional Feminino¹⁵.

No início das operações militares o Serviço de Postal Militar em Angola não se encontrava organizado, nem existia um local para acomodação dos efectivos militares, e assim sendo inicia-se a construção do Campo Maior de Grafanil, nos arredores de Luanda.

As comissões de serviço militar duravam cerca de dois anos e os militares durante a sua estadia podiam ocupar vários locais, na Província onde se encontravam destacados. Entre as possíveis deslocações, o Indicativo Postal Militar (ou SPM) atribuído a um militar mantinha-se habitualmente inalterado, sendo que o indicativo da Província de Angola terminado com o número 6¹⁶. Note-se ainda que quando as operações militares eram mais prolongadas e as zonas onde decorriam as operações eram de difícil acesso as malas do correio tinham características específicas para serem lançadas a bordo de um avião¹⁷.

Segundo o historiador Oliveira Pinto “o aerograma consiste numa folha de

¹⁴ SANTOS, Sílvia Espírito – *Adeus até ao teu regresso: O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, p. 29.

¹⁵ SANTO, Sílvia Espírito – *Adeus até ao teu regresso: O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*, p. 50.

¹⁶ BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Postal Militar/History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*. Lisboa: Edição de Autor, 2004, p. 85.

¹⁷ BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Postal Militar/History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*. Lisboa: Edição de Autor, 2004, p. 75.

correspondência cujo volume, depois de dobrada e fechada, corresponde ao de um postal correio. A parte dianteira destinava-se ao endereço e necessitava da inscrição “AEROGRAMME”¹⁸.

Inicialmente, os primeiros aerogramas eram distribuídos com algumas limitações, sendo cedidos somente àqueles militares ao serviço do Ultramar, e só posteriormente são concedidos àqueles que se encontravam destacados na Metrópole e ilhas. No que diz respeito ao conteúdo, não se podiam transportar folhas de papel ou objetos, nem existia censura sobre o conteúdo dos mesmos. Todavia, inúmeros militares, por vezes, acrescentavam folhas de papel no seu interior, quando tinham muito para dizer ou queria poupar noutra aerograma¹⁹.

Quanto às normas de circulação, no aerograma só deveriam constar o nome do militar, o seu posto, o número do destinatário e o seu número de SPM, que era pessoal, bem como, intransmissível, e lhe era dado quando este embarcava, nunca podendo constar a província ultramarina onde este se encontrava. Todos os dias eram mandados aerogramas provenientes das várias regiões do país para Lisboa, onde eram organizados, segundo os indicativos postais de cada província. Já no Ultramar funcionava de forma diferente, pois os militares mandavam as suas cartas para os comandos, que as enviavam para as forças armadas²⁰.

Este tipo de correspondência, isenta de franquia, era então dividida em dois tipos: os aerogramas amarelos que eram enviados no sentido Ultramar – Continente e os aerogramas azuis enviados no sentido Continente – Ultramar²¹. Contudo, devido à grande carência de aerogramas a cor nem sempre era cumprida, pois, apesar dos esforços feitos pelo Movimento Nacional Feminino, não conseguia responder às solicitações crescentes²². Nesse contexto, o MNF sobrevivia sobretudo graças a patrocínios, provenientes de entidades tais como: o Banco de Angola e os Estaleiros Navais de Viana do Castelo, que marcavam o seu logotipo nos envelopes dos vários

¹⁸PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P. M, 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003, p. 50.

¹⁹PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P. M, 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003, p. 51.

²⁰BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Postal Militar/History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*. Lisboa: Edição de Autor, 2004, p. 38.

²¹PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P. M, 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003, p. 53.

²²BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Postal Militar/History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*. Lisboa: Edição de Autor, 2004, p. 32.

aerogramas. Dado isso, o preço de cada aerograma era de 20 centavos e o carimbo com o preço era colocado na frente do aerograma²³. Já em Angola, os aerogramas editados pela região militar de Angola contavam com a publicidade de entidades como o Banco Comercial de Angola.

Durante a Guerra Colonial, a troca massiva de aerogramas era uma realidade conhecida por todos, todavia, os números conhecidos que a ela se referem, por vezes demonstram uma certa discrepância. Segundo dados do Serviço Postal Militar durante a Guerra Colonial foram trocados em média cerca de 300 milhões de aerogramas. Contudo, estes dados divergem com os fornecidos pela Liga dos Combatentes, que nos afirma que foram trocados 373 629 533 aerogramas, valor este superior àquele apontado pelo S.P.M. Neste contexto, são ainda mencionados os dados apontados pelo historiador, António de Oliveira Marques, na obra “Catálogo de Inteiros Postais Portugueses”, que afirma que as emissões totalizariam 376 milhões de aerogramas²⁴.

2. A Comunicação entre Angola e a Metrópole: Emissores, Recetores e Frequência da troca de aerogramas

2.1. O espólio do Porto

A primeira análise realizou-se ao espólio do Porto (1967-1969) que como foi mencionado anteriormente, era constituído por 316 aerogramas, todos eles redigidos ao mesmo militar, mas não havendo missivas escritas por ele.

Desta forma, este espólio contava com a redação de aerogramas de 8 intervenientes²⁵, sendo cada um deles analisado de seguida.

No que diz respeito aos emissores deste espólio é nos perceptível que a maioria da correspondência, correspondente a um total de 251 aerogramas, foi redigida pela companheira do militar.

Segue-se a mãe deste militar que ao longo da sua estadia na guerra colonial redigiu um total de 21 aerogramas para o seu filho. Esta era uma quantidade bastante mais reduzida, comparativamente ao caso anterior. Todavia, tal justifica-se segundo a análise da correspondência, pois a mãe do militar possuía um nível de escolaridade

²³ BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Postal Militar/History of Portuguese Military Postal Service Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*, p. 32.

²⁴ PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P. M, 1961- 1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003, p. 55.

²⁵ Diagrama disponível em anexo.

bastante baixo, necessitando da ajuda de outrem para redigir a correspondência, e deste modo, comunicar com o seu filho.

Seguem-se os aerogramas da sogra do militar, que não sendo um familiar direto foi autora de 17 dos aerogramas presentes neste espólio.

Outro dos intervenientes deste espólio é alguém que se identifica como irmã deste militar, contando este com 16 aerogramas redigidos por esta. Note-se que esta é somente uma análise do espólio em questão, que pertencia à companheira do militar, pois provavelmente esta irmã terá redigido mais missivas que não constam neste acervo.

O pouco acesso à escolarização, justifica também que o pai deste militar tenha somente enviado 6 aerogramas ao seu filho durante os 24 meses de estadia em Angola. Contudo, a maioria das mensagens que este desejava transmitir ao seu filho iam pela via da correspondência da sua esposa.

Em menor quantidade existem ainda aerogramas redigidos pelas madrinhas de guerra deste militar. Neste fundo documental identifica-se a existência de 3 madrinhas de guerra diferentes, sendo estas tinham enviado no total somente 4 aerogramas, duas delas enviaram 1 cada uma, e uma outra tinha enviado 2 aerogramas para este soldado.

Frequência de envio de aerogramas por emissor

Madrinha nº1	Madrinha nº2	Madrinha nº3	Mãe	Pai	Irmã	Companheira	sogra	Sem remetente	Total
2	1	1	21	6	16	251	17	1	316

Tabela nº1: Tabela de frequência de envio de aerogramas por emissor- espólio do Porto

(Fonte: Arquivo Particular Porto, 1967-1969)

No que diz respeito à frequência anual de envio destes 316 aerogramas presentes neste acervo, estes dividem-se conforme os dois anos que o militar esteve destacado em Angola, nomeadamente entre o ano de 1967 e 1969. O ano de 1967 contém 102 aerogramas redigidos a partir de Outubro de 1967, altura em que o militar terá partido para Angola. Note-se que o militar só esteve no Ultramar somente 3 meses desse ano, todavia, recebeu 102 cartas, o que demonstra que inicialmente a regularidade de escrita para este era maior.

No ano de 1968, apesar de o militar ter permanecido os 12 meses no destacamento, existem somente 77 aerogramas. Todavia, não nos é possível saber se foram só este que o militar recebeu ou se existiram outros que se tenham perdido.

Por fim, o fundo documental contava ainda com 137 aerogramas redigidos para o militar no ano de 1969. Segundo a análise do espólio, este ano era aquele em que mais

emissores redigiram para o militar, contudo, sem qualquer razão aparente. Provavelmente tal dedução devia-se ao maior cuidado na conservação dos aerogramas deste ano.

Frequência da troca de aerogramas – Espólio do Porto (1967-1969)

Frequência anual

1967	1968	1969	Total
102	77	137	316

Tabela nº2: Tabela de frequência de envio anual de aerogramas - espólio do Porto

(Fonte: Arquivo Particular Porto, 1967-1969)

2.2. O espólio de Coimbra

No espólio de Coimbra (1971-1973), onde se procedeu à consulta de 87 aerogramas, contando com 10 intervenientes, todos eles emissores²⁶.

Dos aerogramas analisados 77 são redigidos pelo militar nº 1 para a sua mãe, a quem originalmente pertencia o acervo documental.

Seguem-se ainda em menor quantidade 2 aerogramas redigidos pelo militar número 3, e os restantes intervenientes redigem somente 1 aerograma (militar nº2, nº4 e nº5, mãe do militar nº1, amiga do militar nº3, madrinha do militar nº2, pai do militar nº2 e M.N.F.), daqueles presentes no espólio. Neste contexto, é ainda de destacar que apesar de a maioria dos aerogramas serem redigidos pelo militar número 1 para a sua mãe, a maioria dos intervenientes deste espólio, mais particularmente 7 intervenientes, redigem aerogramas para o militar nº2. Tal demonstra assim uma ligação deste militar a todos os outros intervenientes, e certamente também à mãe do militar número 1, uma vez que esta acaba por ficar na posse dos seus aerogramas. Existindo ainda correspondência trocada entre o militar número 1 e o militar número 2, e a deste com os militares números 3,4 e 5.

Frequência de envio de aerogramas por emissor

Militar nº 1	Militar nº 2	Militar nº 3	Militar nº 4	Militar nº 5	Mãe Militar nº1	M.N.F.	Amiga do Militar nº3	Madrinha do Militar nº2	Pai Militar nº2	Total
77	1	2	1	1	1	1	1	1	1	87

Tabela nº3: Tabela de frequência de envio por emissor de aerogramas – espólio de Coimbra

(Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril, 1971-1973)

²⁶ Diagrama disponível nos anexos.

Quanto à frequência anual do envio de aerogramas, contem 33 aerogramas do ano de 1971, em detrimento dos 53 do ano de 1972, que nos vão conceder mais pormenores acerca das representações da guerra.

Por fim, explicar que no ano de 1973 só se encontra um aerograma disponível para consulta, apesar de o militar nº 1 ter permanecido mais tempo na guerra.

Frequência da troca de aerogramas – Espólio de Coimbra (1971-1973)

Frequência anual			
1971	1972	1973	Total
33	53	1	87

Tabela nº4: Tabela de frequência de envio anual de aerogramas – espólio de Coimbra

(Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril, 1971-1973)

3. Notícias de “casa” – das madrinhas de guerra, aos familiares e amigos

Os aerogramas eram uma espécie de refúgio para tentar diminuir a distância daqueles que estavam na guerra e daqueles que se encontravam na metrópole. E por isso, passamos de seguida a analisar o que cada tipo de interveniente transmitia aos seus soldados.

As madrinhas de guerra obedeciam a características que o regime pretendia. Deveriam assim moldar os seus afilhados com os ideais tipicamente patrióticos, estabelecendo um vínculo regular com estes. Todavia, segundo a análise realizada às poucas cartas se encontram provenientes deste emissor nos dois espólios.

As jovens que estabeleciam contacto com estes soldados muitas vezes pertenciam ao Movimento Nacional Feminino, mas noutras vezes o envio de aerogramas para os militares fazia-se através de uma iniciativa livre. Os pedidos para madrinha de guerra eram crescentes, principalmente a partir da 2ª metade da década de 60, o que levava a que muitas delas tivessem vários afilhados, e talvez por isso, existam nestes espólios poucos aerogramas redigidos pelas mesmas. Neste contexto, pode ainda colocar-se a hipótese de ou a maioria dos aerogramas destas se terem extraviado, ou então, de as conversas entre os dois intervenientes serem tão superficiais que se mantinham por um curto período de tempo

Mesmo existindo poucos aerogramas de madrinhas de guerra nos dois acervos documentais (4 no acervo do Porto e 1 no de Coimbra) podemos retirar algumas conclusões quanto à prática discursiva presente nestes aerogramas.

Era comum que estas mulheres numa fase inicial se apresentassem através de uma descrição física da pessoal, contendo nos aerogramas elementos como altura, peso, bem como, cor do cabelo e dos olhos. Note-se que por vezes era constante expor um exagero da realidade, no que diz respeito às qualidades físicas, sendo frequente o pedido de fotografias, de modo a idealizar de forma mais realista soldados e madrinhas de guerra.

«[...] tenho 1,54 m e altura, peso 52 kg, tenho outros castanhos, cabelo igual, ou seja castanho e tenho um sinal castanho na face do lado direito. Sou natural de Trás-os-Montes, estou no Porto há um ano, faz agora para Janeiro e tenho 19 anos feitos. Quanto a fotos presentemente não as tenho, mas ou tira-las como todo o gosto lhe mandarei uma. Já agora se não sou [-] fazia o gosto que você me mandasse umas e eu depois retribuo. Já agora é caso ou solteiro? Já está há muito tempo? Também conheço a casa onde você trabalhava ainda há pouco comprei lá uns sapatos. Eu não sou enfermeira, mas ando a lutar para o ser se Deus me der sorte talvez para o ano já seja estagiaria assim como espero que Deus me ajude. Para o próximo mês de Janeiro já vou para a Escola de Enfermagem de Alvares Cabral [...]»²⁷.

A primeira destas madrinhas era do Funchal e estabelece desde o início a amizade que desejava manter com o combatente, contudo desta existe somente um aerograma.

Outra destas madrinhas era a de Trás os Montes, que apesar de só existirem 2 “aéreos”, é nos perceptível que somente a sua mãe sabia que ela escrevia, pois foi obrigada a pedir-lhe autorização. Esta identificava-se como uma recém enfermeira, o que desde logo demarca a sua juventude. Através dos seus discursos é notório que o combatente se sentiu ofendido quando questionado acerca da sua solteirice. Porém, percebia a dor que estava subentendida à família do militar, pois ela própria tinha tido em tempos um irmão na guerra do Ultramar.

Quanto à outra madrinha de guerra analisada esta era do distrito do Porto, mas o seu aerograma poucas informações nos transmite, estando presente neste a valorização do esforço do militar, pela sua Pátria, onde lhe eram transmitidos votos de coragem.

No entanto, muitas destas madrinhas eram-no por conhecimento de pessoas em comum, exemplo disso é o da madrinha da qual existe 1 aerograma, no fundo documental *Maria Cesaltina Matos*, ou seja, no acervo de Coimbra, que desejava tornar-se madrinha de guerra de redes de conhecimento do seu primo.

Quanto às temáticas veiculadas pelos familiares e amigos, estas debruçam-se sobre os mais diversos assuntos tais como: a recorrente necessidade em manifestar

²⁷ Arquivo Particular Porto – Aerogramas (10-12-1967).

sentimentos amorosos e debatem-se essencialmente problemas familiares, onde se fazia sempre presente a evocação religiosa.

Era frequentemente, o relato de acontecimentos banais quer da sua vida destes emissores, bem como da vida alheia, como forma, de conceder ao combatente a ideia de tranquilidade da vida na Metrópole, de o entreter e satisfazer a sua curiosidade.

Contudo, em algumas cartas são concedidas informações acerca do falecimento de algum conhecido dos combatentes, notícia que muitas vezes não era expressa através de “aerogramas de luto”. Segundo leituras considera-se que este tipo de aerogramas era redigido normalmente quando, se tratava de noticiar o falecimento de algum familiar direto.

Nos aerogramas era frequente a troca de fotografias, bem como postais, para que os militares conseguissem acompanhar o quotidiano das suas famílias.

No que diz respeito ao espólio do Porto, a companheira do combatente tece numerosas lamentações pela sua ausência no processo de crescimento da filha do casal, criticando ainda o refúgio no álcool dos militares e de que forma a forçada ausência ao serviço nas colónias poderia levar a que estes caíssem em desgraça. Note-se que por parte desta emissora são enviadas várias cartas, com uma periodicidade quase diária em alguns meses.

Quando o envio e receção de aerogramas não chegavam atempadamente às suas famílias era justificada pela incapacidade do Movimento Nacional Feminino e do Serviço Postal Militar em conseguir acompanhar as crescentes trocas de aerogramas, que ocorreram a partir de meados da década de 60.

Quanto aos pais do militar do espólio do Porto, são notórias as falências nos discursos com estes, pedindo o combatente frequentemente aos seus pais que lhes escrevessem mais vezes aerogramas. No seguimento disto, é referido ainda o analfabetismo dos seus progenitores, que pediam sempre a alguém conhecido para lhes redigir as cartas, e provavelmente daí provém a troca de correspondência menos regular.

No que se refere à correspondência trocada com a sua irmã, foi perceptível a preocupação constante para com o bem-estar do irmão, bem como os constantes discursos patentes de esperança e “esforço pela nação”. Por consequência é nos possível constatar adesão aos ideais nacionalistas vinculados pelo Estado Novo, mas também a constante crítica ao regime e às desgraças resultantes da guerra. Neste contexto, surge várias vezes como assunto as baixas remunerações pagas pelo Estado aos familiares daqueles que se encontravam na guerra.

Destacam-se ainda as épocas festivas, tais como o natal e o ano novo, que eram sempre celebradas com votos de esperança por aqueles que não se encontravam nas colónias, e onde se inculcia o espírito de solidariedade e ajuda ao próximo, onde as mulheres dos militares mandavam postais não só para os maridos, mas também para os seus restantes colegas.

Note-se ainda, que o espólio do Porto conta com uma carta sem remetente, mas onde nos é compreensível que este aerograma fora escrito por um militar, colega do combatente onde são denunciadas constantes refúgios no álcool, como forma de esquecer a guerra. Neste contexto, é também necessário perceber o porquê de este espólio não contar com os aerogramas redigidos pelo próprio militar. Segundo testemunhos que foram obtidos através de um discurso oral, mas que não estão expostos em qualquer documentação, o militar e a família acabou por se desfazer da mesma, uma vez que não lhe atribuía qualquer valor patrimonial.

Quanto ao espólio de Coimbra, sendo este constituído por cartas que nos transmitem na sua maioria representações da vida no Ultramar, pouco nos é possível acrescentar no que diz respeito a temáticas e tipos de discurso.

Genericamente, o discurso dos familiares e amigos, assumia frequentemente um carácter subtil no que diz respeito à guerra, preferindo-se na maioria das vezes relatar acontecimentos banais do dia-a-dia na metrópole, ou do quotidiano das suas famílias.

Mencionavam, também de forma constante, o número de meses que o militar se encontrava em guerra, bem como o tempo que lhe faltava cumprir, informação que parecia inculcar ânimo àquele que passava tanto tempo privado da companhia dos seus familiares e amigos.

A reclamação pela falta de correio era uma constante, pois os atrasos chegavam a reter 3 ou 4 aerogramas, que, portanto, só muito tardiamente chegavam quer a familiares, quer a militares. Estes atrasos levavam ainda a que muitas vezes se fizessem suposições sobre possíveis acontecimentos, colocando-se a traição conjugal como hipótese.

4. Representações da Guerra Colonial em Angola através dos aerogramas dos militares

As representações da Guerra Colonial que os militares transmitiam para a Metrópole assentavam numa imagem de bem-estar na colónia, como se o pior da guerra tivesse já passado²⁸.

A troca de correspondência entre o militar número 1 e a sua mãe inicia-se ainda a bordo do navio “Vera Cruz”, justificando que relatava a viagem antes de chegar ao destino, porque depois poderia não ter tempo. Revela ainda que à deriva em alto mar, a vida era pacífica, apesar da enorme quantidade de água, em seu redor²⁹.

Posteriormente transmite ainda à sua mãe a beleza da cidade de Luanda, constando nos seus aerogramas um discurso bastante monótono, onde eram constantes as questões acerca dos seus irmãos mais novos, bem como questões acerca do quotidiano e da sua família.

O militar número 1 chega mesmo a denominar o território como um “desterro, que não se vê ninguém, a população mais perto está a 15 km”³⁰, tal denotava a uma atitude de desvalorização do conflito, ou então que o epicentro deste não se encontrava na região de Mucondo, que era onde este militar se encontrava.

Todavia, apesar do clima de estabilidade parece ser logo abalado, pois no mês seguinte inicia-se a primeira das várias queixas, no que dizia respeito ao atraso no pagamento por parte do Estado aos seus militares, queixando-se do atraso de 2 meses³¹.

Eram também uma constante as reclamações acerca das burocracias para obter os rendimentos provenientes da estadia dos militares em Angola³², chegando o militar nº 1 a mencionar que se sustentava com 600 escudos provenientes dos rendimentos da sua mãe³³. Pedia-lhe que lhe enviasse dinheiro embrulhado em jornais e em correio dito “normal”, uma vez que havia menos probabilidade de o envelope ser aberto pelas

²⁸ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 27 de Maio de 1971.

²⁹ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 1971.

³⁰ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 30 de Maio de 1971.

³¹ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 9 de Junho de 1971.

³² Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 11 de Novembro de 1971.

³³ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 17 de Fevereiro de 1972.

autoridades competentes³⁴.

Nas poucas queixas que existiam à sua mãe, este militar chega mesmo a pedir à mãe para esta lhe enviar aerogramas, pois os que davam aos soldados eram cada vez menos, cerca de 10 por mês (“aqui só se come e dorme [...] só nos dão 10 aerogramas por mês [...] para nada dão”³⁵), isto já numa fase de falência do Movimento Nacional Feminino, em que poucos aerogramas eram concedidos aos combatentes.

Existem ainda relatos sobre épocas festivas como o Natal, onde apesar do discurso saudoso, relata que os militares passavam estas épocas todos juntos, relatando a vinda da mulher do seu capitão, o jantar em conjunto, e as posteriores voltas à fazenda já embriagado, sendo mais um militar a afirmar que o álcool servia de refúgio para a tristeza.

Porém, a imagem que era veiculada entre os militares, sobre os diferentes locais onde estes se encontravam, ou aqueles para os quais eram dirigidos em missão, era diferente daquela que transmitiam para a metrópole.

Entre estes militares, a crítica à guerra era uma constante e, de forma indireta, ao regime que defendia a sua manutenção.

Exemplo disso é o relato de um episódio em que um destacamento esteve cerca de 2 horas de baixo de fogo; estes militares relatam que foi um milagre não ter havido feridos (Janeiro de 1972).

Sucedem-se os relatos onde são revelados pormenores das operações e o sacrifício, exemplo disso foi um aerograma do militar número 3, para o militar número 2, onde relata que a zona onde este se encontrava era perigosa e que constantemente existiam problemas. Conta-lhe episódios do quotidiano, tais como a ida a um acampamento a cerca de 20 km em Janeiro e que foi um milagre não existirem feridos. Conta que a 29 de fevereiro foram a um acampamento “turra” e que ao tentarem lá entrar houve uma pessoa que morreu e um ferido, de Coimbra, de seguida revela outro episódio onde existiu um morto e 4 feridos e que passados 2 dias rebentou uma mina, em Mucondo. Conta também que a 28 desse mês foram a S. Eulália e cravaram de balas uma cantina civil. Respondendo ao aerograma do amigo que lhe contou que os nativos

³⁴ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 8 de Abril de 1972.

³⁵ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 18 de Novembro de 1972.

tinham atacado umas viaturas civis, onde questiona o amigo se este andava com as viaturas sem serem escoltadas³⁶.

Para escapar à guerra muitos dos soldados faziam-se de doentes, existindo relatos do militar número 1, que num certo dia os seu companheiros tinham voltado do combate, mas ele fez-se de doente, com a pulsação fraca, recorrendo à enfermaria para não ir, onde lhe foi dada uma dispensa, ficando de cama e só saiu de lá quando os seus colegas ausentar-se para as operações, que tinha a duração de 4 dias³⁷.

No que diz respeito à linguagem, empregavam o calão com frequência, designando os inimigos por “turras”. O calão era usado em aerogramas enviados para a metrópole, bem como para aerogramas enviados entre os militares, onde se intensificava a linguagem imprópria.

A sua linguagem torna-se particularmente obscena quando os militares se referiam às mulheres africanas, sendo mencionadas como prostitutas, que vendiam serviços sexuais aos soldados, revelando que o incomoda a maneira de como estas mulheres se insinuavam aos homens, dizendo que muitas delas se põem à porta deles³⁸.

De facto, segundo os relatos trocados por entre os vários militares o desagrado face à guerra era uma contante, e este refletia-se nas suas acções, bem como nos seus discursos. A guerra era vista como uma calamidade e todos estavam inseridos no conflito por obrigação, pois o desejo que esta terminasse estava patente na população, e em particular nos militares. Estes estavam sujeitos a más condições, bem como a má alimentação, não lhes sendo concedido o básico para que estes pudessem exercer as suas funções.

«Mandas-me dizer que para ti a guerra só agora está a começar. Deus queira que esses 80 dias que te faltam que passem depressa.... [...] também mandaste dizer que em 14 dias de mato só comeste rações de combate, pois isso para aí é de praxe e não podemos dizer mal, se não lerpamos [...] é assim, quem não gosta não come»³⁹.

³⁶ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 29 de Março de 1971.

³⁷ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 2 de Maio de 1972.

³⁸ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 20 de Abril de 1972.

³⁹ Centro de Documentação 25 de Abril – *Espólio de Maria Cesaltina Matos* [Coimbra], 18 de Julho de 1972.

Conclusão

No início da investigação procurou-se delimitar objectivos orientadores deste estudo, como forma de serem produzidas contribuições historiográficas, no âmbito do tema em estudo, particularmente a troca de aerogramas na Guerra Colonial.

Deste modo, procurou-se realizar uma análise cuidada e rigorosa à fonte seleccionada, nomeadamente os aerogramas. Esta fonte revelou-se primordial, uma vez que a investigação visava compreender as representações da guerra neste meio de correspondência e de que forma a abordava.

Foi necessário perceber de que forma circulavam os aerogramas, a que formalizações legais estavam submetidos e por que tipo de particularidades este tipo de correspondência era caracterizada, para entender a sua difusão e a sua massificação.

Posteriormente foram analisados os emissores e recetores dos acervos seleccionados, bem como a frequência do envio de aerogramas nestes, como forma de se entender se de facto este era o meio de comunicação predominante entre as famílias e estes militares.

E seguidamente, tentou perceber-se que tipos de temáticas eram abordadas neste meio de correspondência, e com que tipo de discursos estas eram difundidas, de modo, a analisarmos quais as representações que os combatentes transmitiam da guerra, e se o transmitiam do mesmo modo para todos.

A investigação permitiu-nos retirar algumas conclusões, no âmbito da troca de aerogramas durante o conflito colonial.

De facto, apesar dos constantes atrasos, os aerogramas agilizaram a correspondência durante a guerra colonial, graças ao seu serviço de impressão e de transporte. E nem mesmo quando o Serviço Postal militar assume o controlo deste meio de correspondência, não se denota um decréscimo da sua utilização.

Quanto à análise dos vários textos, verifica-se o receio de falar e pensar na política e na situação de guerra, isto é, no regime – autocensura quer por parte dos militares quer dos familiares, que preferiam dar destaque a acontecimentos banais do dia-a-dia ou de âmbito familiar.

Destaca-se ainda uma forte influência dos ideais do regime na correspondência analisada: no caso das madrinhas de guerra era de esperar, mas também surge no discurso dos familiares.

As fontes serviram de suporte científico para esta investigação, uma vez que nos concederam informações bastante importantes sobre o tema e nos permitiu responder às problemáticas propostas. Todavia, sendo estas fontes em papel e provenientes de arquivos particulares era de esperar encontrar obstáculos, desde a indevida conservação do papel, bem como, à falta de aerogramas na sequência lógica dos espólios, que por vezes nos poderia ter levado à incompreensão de certas questões.

Por fim, apesar dos objectivos propostos inicialmente terem sido alcançados, é nos possível levantar outras questões às quais se poderá procurar dar resposta futuramente. Espera-se assim continuar a investigação através da análise de outros espólios, bem como outro tipo de fontes no âmbito deste tema, que nos permitam desenvolver outros conteúdos e aprofundar algumas questões.

Fontes

Fontes epistolares:

Arquivo Particular Porto – Aerogramas (19.10.1967- 29.09.1969).

Centro de Documentação 25 de Abril – Aerogramas. Espólio de Maria Cesaltina Matos [Coimbra], (02.1.1971-22.3.1973).

Fontes orais:

Entrevista a José Carneiro (militar-condutor em Angola, entre 1961-1964), realizada em 30.03.2018.

Biobibliografia

AFONSO, Anacleto; GOMES, Carlos de Matos- – *Os anos da guerra colonial: 1961-1975*. Matosinhos: Quidnovi, 2010.

ALMEIDA, Ana Nunes de (coord.) – Os nossos dias. In MATTOSO, José (dir.) – *História da vida privada em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates, 2011. Vol. 4.

ANTUNES, José Freire – *A Guerra em África*, 2 vol. Lisboa: Temas e Debates, 1996.

BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano – *Nova História Militar de Portugal: O Real: A experiência da Guerra, O imaginário: O Discurso sobre a Guerra*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004, Vol. 5.

BARATA, Paulo Rui – *Aerogramas de Portugal*. Lisboa: Edição Publifil, 1976.

BARREIROS, Eduardo e Luís – *História do Serviço Militar/History of Portuguese Military Postal Service*. Aerogramas militares. Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974. Lisboa: Edição de Autor, 2004.

MATEUS, Dalila Cabrita – *Angola 61: Guerra colonial: causas e consequências*. 2ª ed. Alfragide: Texto Editores, 2011.

PINTO, António Costa – *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Publicações, 2004.

PINTO, Oliveira – *História Postal do S.P.M 1961-1981: Aerogramas e Movimento Nacional Feminino*. Porto: Núcleo Gráfico do Exército, 2003.

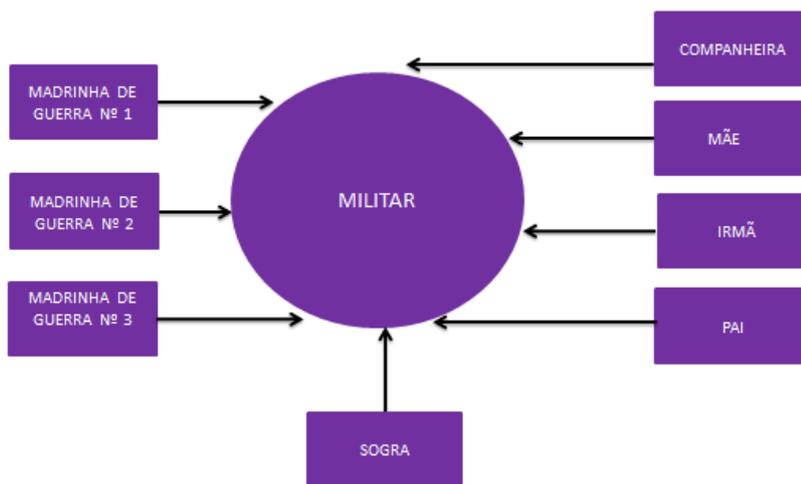
ROSAS, Fernando – O Estado Novo (1926-1974). In MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. Vol.7.

SANTO, Sílvia Espírito – *Adeus, até ao teu regresso: O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial: 1961-1974*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

Anexos

Anexo 1

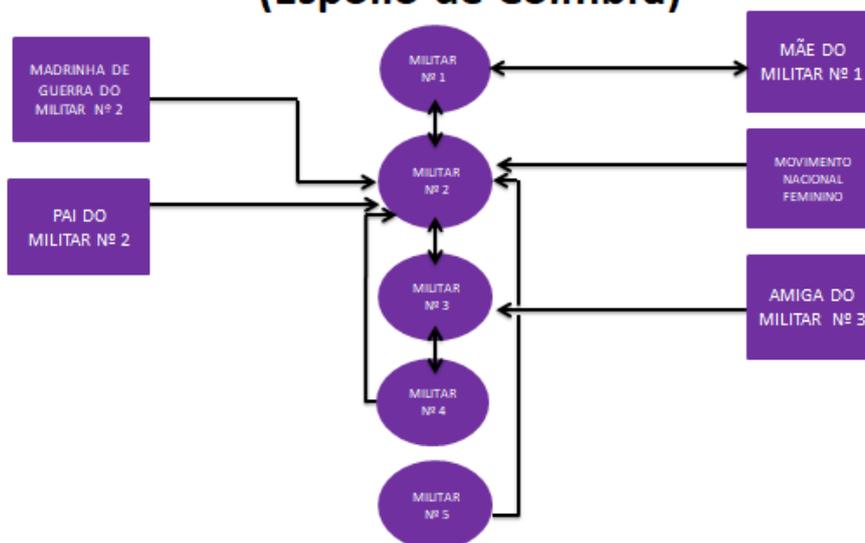
Emissores e Receptores (Espólio do Porto)



(Fonte: Arquivo Particular Porto, 1967-1969)

Anexo 2

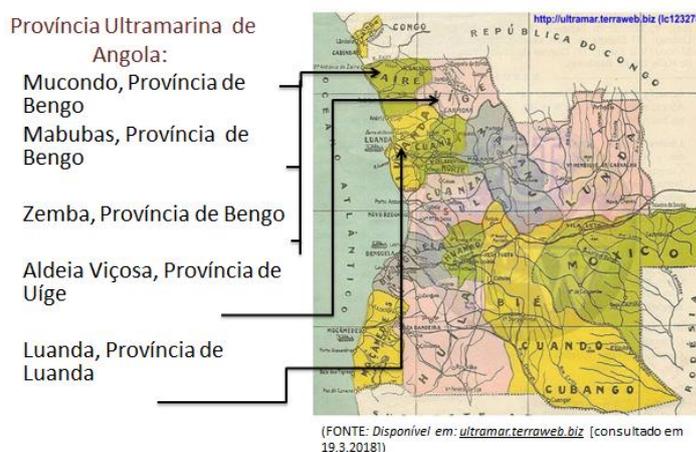
Emissores e Receptores (Espólio de Coimbra)



(Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril, 1971-1973)

Anexo 3

Enquadramento espacial



Anexo 4

Entrevista realizada a José Carneiro (militar condutor em Angola) e à sua esposa, realizada a 30 de Março de 2018.

Entrevistador: Foi em 1961 para a guerra, certo? Em que cidade esteve?

José Carneiro: Em tantas (...) Luanda, Manguela, Salazar, Mugongo, Sanzala

E: Não sabe em quantas cidades esteve no total?

J. C.: Foi muita coisa (...) Eu andei de lado para lado sempre. Estive no sul, estive no norte, corri quase tudo.

E: Como é que se deslocava de um lado para o outro?

J.C: Era condutor.

E: E como era quando você ia para a frente de guerra?

J.C: Eu não ia para o mato, ia sempre com o carro. Ficava no carro até uma certa altura, todos acomodados e depois deixava-os sozinhos.

E: E o que é que viu enquanto lá se encontrou?

J.C: Ver não vi nada, só ouvia (...) muitos tiros. Eles já não eram para lá honrados, eram russos e outros, queriam eram derrotar os portugueses. Todos os que lá estão agora, todos eles eram contra Portugal. Todas elas eram para matar os portugueses porque lhes davam armamento, bombas e tudo para os matar.

E: Como é que trocava correspondência com a sua mulher?

J.C: Estava lá além sempre. O correio ia ter ao batalhão, era entregue no batalhão e de lá era distribuído para as companhias de cada província, e daí era distribuído e depois nos entregue.

E: Escrevia muito para a sua esposa?

J.C: Não sei, nem dei conta. Não era todos os dias, era conforme podia e muitas vezes não se podia.

[...]

J.C: Muitas vezes a gente escrevia e elas não chegavam. Elas iam à censura.

E: E se você mandasse dinheiro?

J.C: Podia passar, mas podia não passar também. Era todo pelo Estado, pela Companhia.

E: Quando escrevia para a sua mulher sobre que tipo de assuntos ou temáticas falavam?

J.C: Falava do amor, mas não falava do que se passava lá, não se podia, porque se contasse alguma coisa as cartas não chegavam, nem saíam de lá. Acontecia com as cartas e mesmo se fossem os aerogramas. Em tudo há censura, de lá não saía nada sem ir à censura.

E: Então do que falavam?

J.C: Do dia-a-dia e das saudades, e pouco mais.

E: Que situações mais o marcaram?

J.C: Uma vez nós motoristas fomos levar o batalhão até determinado ponto, com as luzes apagadas, sem o mínimo som, para alcançar o objetivo que eles queriam a troco de muito sangue. Aquilo era uma espécie de três muros. Lançaram uma espécie de bomba, uma granada de mão para o que estava em primeiro, ele ficou ceguinho, ficou ferido gravemente e morreu. Depois tentaram vir em massa para lhe tirar a roupa e levá-lo com eles, mas a malta reagiu e não os deixou aproximar. Nisto estava um furriel e estivemos presos com o melhor comandante deles, o melhor do norte de Angola. Entretanto levaram um dos nossos e um foi buscá-lo. Levou um tiro e morreu ali. Depois outros foram buscá-lo a ele também. O que eles queriam era roubar-lhe farda, armas e tudo, eles eram mais de 6000 e morreram muitos deles, nós eramos perto de 170 (cento e setenta).

De outra vez, íamos de helicóptero e um levou um tiro numa asa a 7 km levamos-lhes até 4 o resto foram a pé. Eles cortaram-lhes as antenas todas dos rádios, ele cortaram-nas todas.

Houve também um dia muito marcante para nós condutores, tivemos de os vestir e os enterrar, mas não era numa vala comum (...) Depois de vir não sei se os trouxeram, mas ainda hoje eles estão a trazer pessoal.

E: Como é que era quando o correio lá chegava? O que sentiam?

J.C: Quando a avioneta vinha, era uma alegria. Nem que estivéssemos longe, vínhamos para a formatura e entregavam-nos.

E: E como era um dia lá?

J.C: Era acordar com os tiros, de um lado e de outro.

E: E os aerogramas? Ainda os guarda?

J.C: Se calhar trouxe na mala, mas a vida é tão dura que nem sei mais deles.